



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- FAFICH

REYGSON MAX PARREIRAS

**DO SILÊNCIO AUTÊNTICO À POLUIÇÃO SONORA, NA INDUÇÃO DA
PROPAGANDA AO EMPREGO NA CRIATIVIDADE CULTURAL BRASILEIRA**

Belo Horizonte

2017

REYGSON MAX PARREIRAS

**DO SILÊNCIO AUTÊNTICO A POLUIÇÃO SONORA NA INDUÇÃO DA
PROPAGANDA AO EMPREGO NA CRIATIVIDADE CULTURAL BRASILEIRA**

Trabalho apresentado ao Programa de
Disciplina Isolada para Pós-Graduação
em Filosofia na Universidade Federal de
Minas Gerais.

Linha de pesquisa: estética, poluição
sonora, arte e cultura.

Professor: Dr. Rodrigo A. de Paiva Duarte

Belo Horizonte

2017

*da Soberba, fazendo da cobiça
a validez daquele que se entrega a Inveja,
um pedacinho da sociedade e instintos humanos do gosto do prazer,
a Luxúria e suas perturbações do tronocadente.*

Acadêmico

o livro do diabo aos

Flusserianos

*é apenas a preguiça da tristeza do coração humano,
sem movimento, ao movimenta-se,
sem movimento, movimento sim, perdido talvez.*

Aonde quero chegar!

A angústia de economizar,

*Avarentos sem perdão cominam a solidão
e fazem da Ira descoberta da ciência ao travesseiro de Deus.*

Tecnologias cada vez mais nuas, a Gula

Em capricho aos desejos humanos...

Oh, oh, Redentor, onipotente da Pós-história...

Estátua de uma cadela, vira-lata... Russa!

Laika PE-kiss kiss

Macacos UNIDOS

Vítimas, animais resistentes

Culminam no espaço sideral.

A uma vã filosofia, filósofo, filósofa ao filosofar.

Ao lindo Brasil e seus historiadores fazendo história.

Regressão e seu fetichismo e os fins da arte de Dante.

Pós-contemporâneo

A música de adorno a recusa do

Jazz, o que diria do samba brasileiro, ao futebol e o Funk carioca.

Malícias...

Vilém Flusser

Um homo-sapiens

Fez da utopia da alegoria de águas profundas

o pequeno

Vampyroteuthis Infernalis.

Reygson

INTRODUÇÃO

A poesia apresentada em epígrafe foi inspirada na obra de Flusser (2006), sobre a Soberba no livro “A História do Diabo”, para ilustrar a complexidade da expressão poética filosófica, por meio da impossibilidade do uso de uma linguagem formal e estruturada na rigidez normativa da gramática idiomática. Isso porque o tema deste trabalho é o uso da linguagem, cuja escolha teve como origem um trabalho desenvolvido com alunos do terceiro ano do Ensino Médio, no ano de 2016, na escola Estadual Guia Lopes, a fim de alertar para os riscos da poluição sonora na cita escola pública e na comunidade local. Mas a abordagem filosófica do tema evoluiu para a necessidade da análise do uso da linguagem na indução do consumo, por meio de propagandas muito barulhentas.

O objetivo deste trabalho é, portanto, investigar como as pessoas se tornam vítimas dos conflitos sonoros estressantes nos ambientes sociais, bem como alertar a sociedade para necessidade do silêncio para se ter uma mente mais saudável e uma vida onde haja espaço para emoções. Para tanto, trata-se de um estudo reflexivo sobre o Globo da Língua de Flusser (2007), associado aos argumentos de Arendet (2010) sobre a Condição Humana, de Silva (2009) sobre a Dialética das Consciências, de Adorno e Horkheimer (1947) sobre a Dialética do Esclarecimento, de Samel (2017) sobre As Mônadas de Leibniz, e Marcuse (1973), sobre a Ideologia da Sociedade Industrial Avançada.

Poluição sonora e as implicações na falta do silêncio

A poluição sonora nasce com uma implicação: além de criar hábitos ruins, causando um desequilíbrio social, cria desconforto aos nossos ouvidos e até mesmo o nosso psicológico. Muitas vezes somos pegos de surpresa e vitimados diante de tanto barulho, em diversas formas. Além de músicas de rádios bem altas em carro, há também sirene de escola pública, sinos de igrejas, bares barulhentos, fogos de artifícios quando tem jogo de futebol. O comércio, as escolas e as universidades eram para ser um ambiente saudável e equilibrado para estudos, mas pelo contrário, o barulho é intenso, além de falácia e a falta de senso e educação. Os barulhos

fazem com que, constantemente, os ouvidos sejam mortificados, causando falta de atenção e desequilíbrio mental.

Ao buscar solução diante dos problemas causados pelo excesso de informação e barulhos, se chega a uma pequena causalidade. O filósofo Tcheco-Brasileiro Vilém Flusser (2007) apresenta em seu livro "*Língua e Realidade*", o Globo da Língua que define a música e as artes plásticas como dois hemisférios da língua que leva ao processo criativo da realidade a partir da linguagem, seja ele em eixo autêntico ou inautêntico. Os signos e os sentidos de realidade passam então a existir por etapas, até chegar à linha do equador.

O Globo da língua e o sentido das cores

Para Flusser (2002), a língua cria realidade. O terreno dos símbolos auditivos, que culminam na música como expoente de expressão da arte, ou como fascínio que pode estar acima ou abaixo do eixo de projeção. Ele arquiteta um diagrama com objetivo de representar a língua de acordo com a sua visão, diante a compreensão do papel filosófico entre próprio vazio e o silêncio.

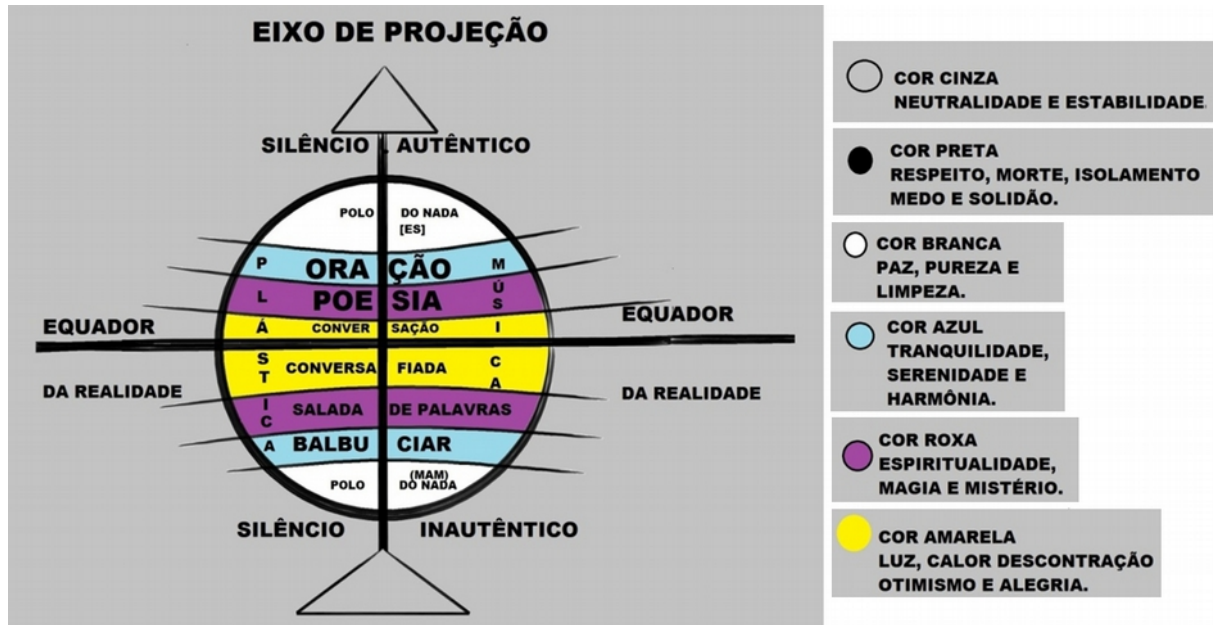
O diagrama de Flusser (2007), redesenhado em cores, facilita a compreensão das sensações e sensibilidades dos sentidos. O desenho foi feito no programa de computador Paint da Microsoft Office, usando cores primárias, secundárias e terciárias, de acordo com seus significados.

A cor depende da luz e a forma como é absorvida e refletida em uma determinada superfície. Os olhos vão captar as ondas eletromagnéticas que são refletidas e dependendo dos seus comprimentos de onda, vemos cores diferentes. No nosso cérebro, **as cores podem despertar certas sensações** e por isso as cores têm significados diferentes (<https://www.significados.com.br/cores-2/>).

Portanto, as cores despertam sensações tanto visuais, como influenciam o plano psíquico das reações construtivas do nosso cérebro.

Seguindo o significado das cores, o Diagrama apresentado na figura 1 abaixo tem fundo em cinza, como indicativo de neutralidade e estabilidade.

Figura 1 – Diagrama do Globo da Língua



Fonte: Organizado pelo autor, 2017.

Flusser (2007) dividiu o Globo da Língua por meio da linha do Equador da Realidade entre o Silêncio autêntico e o Silêncio inautêntico (branco), com eixo de projeção como uma flecha apontando para o que representa a vontade humana como potência para criação da realidade autêntica.

- O vazio do Silêncio Inautêntico indica a tentativa ambivalência de ser ponte aos comprometimentos.
- O início é branco, o Pólo do Nada.
- Balbuciar está em azul, lembrando a instância da infância na qual há o caos dos fonemas, como estado primitivo da comunicação que leva ao afundamento do silêncio inautêntico.
- Salada de palavras está em roxo, indicando que palavras soltas correspondem a uma conversação afrouxada e perdida da realidade, levando também uma zona inautêntica.
- Conversa fiada está em amarelo, como primeira tentativa ao silêncio autêntico, ao se aproximar da linha do Equador da Realidade, pois leva a criar

novas relações comunicativas, obedecendo às regras científicas da matemática com as quais o ser aprende a falar.

- A parte do Globo que chega a linha do Equador cria a realidade.
- Conversação plena está também em amarelo, pois ela expande a linguagem, apesar de não criar pensamentos novos, mas apenas os reformula, troca como forma do intelecto para aprender a emitir informação.
- Poesia está em roxo, indicando que existe um esforço intelectual para se criar língua e fornecer matéria prima para conversa. O intelecto absorve e emite informação, que a partir de então pode ser ultrapassado. O poeta se isola e produz língua através do nada.
- Oração está em azul, para indicar que nessa fase a pessoa produz à consciência uma linguagem vazia, ignorando o aspecto criador da língua, mas flutuando nos sentidos. Há também um aspecto de negação, que busca o desprezo e a formalidade da língua, radicalizando a poesia com fato de adoração menos palpável, porém mais lúcido diante do nada.

A propaganda e o emprego como fonte de manipulação

Falar sobre o consumo e propagandas é uma tentativa que envolve não só valor moral, como financeiro. Muitos falam que “propaganda é alma do negócio”. Isso implique que a propaganda na televisão e em rádios leva à indução de pensamentos e comportamentos, até um desequilíbrio mental. Essa é uma indução a prazeres e desejos humanos, motivada pela publicidade: sentir, ouvir, ver, falar e ouvir. Através dos cinco sentidos humanos, se pode então retratar a estética como um fundamento da arte e da cultura, aproximando as diretrizes urbanas à falta de atenção com a saúde física e mental da população, diante dos corrosivos excessos de barulhos causados também pela poluição sonora e pelas propagandas jogadas aos ouvidos de todos de forma viral.

Diante disso, as Mônadas de Leibniz, explicadas por Samel (2017), levam à reflexão sobre a proposição de que como força e matéria são inseparáveis, a imortalidade decorre de uma força invisível eterna e inesgotável. Assim, verdadeira fonte de propagação das partículas da força pela realidade das coisas e dos seres torna-se inesgotável, pelo trabalho que sustenta o requisito moral da existência. Isso implica

que força e matéria podem ser representadas pela inteligência, que pode ser fantasiada, levando ao que Hebert Marcuse (1973) chama de homem unidimensional; ou seja, o homem provido apenas de uma dimensão, na qual os valores morais são mais importantes do que o próprio indivíduo e suas escolhas. Neste sentido, Vicente Ferreira da Silva (2009), em seu livro “Dialéticas das Consciências”, explica a consciência do ‘eu’ pela transcendência do ‘outro’ como uma forma de libertação; levando a formas ambivalentes de ser, que muitas vezes causam desconforto mental e mesmo corporal em qualquer ambiente social por onde se ande. Porque muitas vezes o ‘outro’ incomoda com seus barulhos.

Em “Dialética do Esclarecimento”, o filósofo Theodor W. Adorno (1947) explica que:

A propaganda para mudar o mundo, que bobagem! A propaganda faz da linguagem um instrumento, uma alavanca, uma máquina. A propaganda fixa o modo de ser dos homens tais como eles se tornaram sob a injustiça social, na medida em que ela os coloca em movimento. Ela conta com o facto de que se pode contar com eles. No íntimo, cada um sabe que ele próprio será transformado pelo meio num outro meio, como na fábrica. A fúria que sentem quando se deixam levar por ela é a velha fúria dirigida contra o jugo, reforçada pelo pressentimento de que a saída indicada pela propaganda é uma falsa saída. A propaganda manipula os homens; onde ela grita liberdade, ela se contradiz a si mesma. A falsidade é inseparável dela. É na comunidade da mentira que os líderes (Führer) e seus liderados se reúnem graças à propaganda, mesmo quando os conteúdos enquanto tais são correctos. A própria verdade torna-se para ela um simples meio de conquistar adeptos para sua causa, ela já a falsifica quando a coloca em sua boca (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.119).

Isso significa que a propaganda serve de fonte de manipulação do comportamento na medida em dirige o pensamento do ouvinte na direção daquilo que, muitas vezes ele não quer e nem precisa. Isso faz com que ele precise trabalhar cada vez mais para consumir o que a propaganda alarde rompendo qualquer espaço para o silêncio e a reflexão, fazendo com que o emprego do seu esforço perca seu sentido ético.

A criatividade cultural brasileira como fonte de sustentação

Além da indústria da televisão, existe a criatividade alternativa presente nas ruas dos grandes centros comerciais, como o de Belo Horizonte, onde diariamente se ouve: “compro livro e vendo livro”, “Dentista”, “Compro Ouro”, “Foto ¾”, “Ó o quebra-

queixo”, “vassoura/rodo/limpa teto”, “Ó o desentupidor a gás”, “Corte é dois, escova é três”, “Mata barata, mata formigas, é o giz chinês”, e ainda há os locutores nas portas das lojas com anúncios de promoções, além de propagandas direcionadas com gramofone: “promoção! Só agora na sapataria do Amigão”.

A pensadora Hannah Arendt (2010) no capítulo VI do livro “Condição Humana”, entre as páginas 260 e 263, critica Marx e todo marxista ortodoxo no livro condição humana citando: “ação é a atividade mais nobre que um homem pode realizar, servindo como um meio para a *vita contemplativa*”, “sem o labor não existe *vita contemplativa*”, “trabalho produz um mundo artificial entre o homem e a natureza: os objetos de uso, a *poiésis* (obra) que continua na Terra, estabelecendo uma morada para o homem”, “indivíduo é um escravo produtivo ou ele é um liberto improdutivo”. Ela fala ainda sobre a alienação do mundo: “é verdade que nada poderia ter sido mais alheio ao propósito de exploradores e circunavegadores da era moderna do que este processo de avizinhamo; o que mais nos vem perturbar é ver semelhança das coisas que mais se diverge”. Entretanto:

A divisão do trabalho, tal como se formou sob a dominação, não é absolutamente ignorada neste caso. A filosofia limita-se a escutar dela a mentira de que ela seria inevitável. Não se deixando hipnotizar pela superioridade do poder, ela segue-o em todos os cantos e recantos da maquinaria social que a priori não deve ser nem derrubada, nem redirecionada, mas compreendida sem sucumbir à fascinação que exerce. Apesar de toda manipulação, diante de uma limitação inevitável aos ouvidos, a filosofia acredita na divisão do trabalho e que ela exista para os homens, acredita no progresso e que ele leve à liberdade. É por isso que entra, facilmente, em conflito com a divisão do trabalho e com o progresso. Ela dá expressão à contradição entre a crença e a realidade e, ao fazer isso, atém-se estritamente ao fenômeno historicamente determinado (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p.114).

Ou seja, enquanto Adorno (1947) considerava a divisão do trabalho alienante, Arendt (2010) trata o trabalho como necessidade existencial que se perverteu em função da alienação do consumo.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Os desafios desse contexto se dão quando o próprio trabalho é voltado para gastos abusivos com propagandas, já que os programas da educação fazem descaso quanto a isso. O maior deles é buscar nos pensamentos de Flusser (1947) uma investigação relacionada com Adorno (1947) e Arendt (2010) sobre a humanidade e a sua pós-história, bem como os motivos transformadores da propaganda alienante através da poluição sonora. Ou seja, Cabe compreender o indivíduo na sua particularidade consumista, na sua consciência acolhedora da manipulação que o vitima, e a desigualdade social diante da discrepância montada pela publicidade exagerada que usa a propaganda para induzir ao consumo, por uma linguagem oracional “poética” vazia, criada pela intenção competitiva de criar necessidades aparentes e ilusórias “no grito”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1947.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CORES. Significado das cores. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cores-2>>. Acesso em: Novembro de 2017.

FLUSSER. Vilém. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. Capítulo 3 - A Língua cria realidade, p.131-185. São Paulo: Escrituras, 2002.

_____. **A história do diabo**. Capítulo 7 – A soberba, p.157-183. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. **Língua e Realidade**. 3ª. edição. São Paulo: Annablume, 2007.

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional** - Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial Avançada. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SAMEL, Caruso. **As Mônadas de Leibniz**. Disponível em: <<http://www.arazao.net/as-monadas-de-leibniz.html>>. Acesso em: Novembro de 2017.

SILVA, Vicente Ferreira da. **Dialética das Consciências** - Obras completas. São Paulo: É Realizações, 2009.